

Jardins Perfumados para os Cegos

JANET FRAME

TRADUÇÃO Paulo Faria

ANTÍGONA

TÍTULO ORIGINAL
Scented Gardens for the Blind

AUTORA
Janet Frame

TRADUÇÃO
Paulo Faria

REVISÃO
Conceição Candeias

CONCEPÇÃO GRÁFICA
Rui Silva

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Christina Casnellie

PAGINAÇÃO
Rita Lynce

IMPRESSÃO
Europress

COPYRIGHT
© 1963 Janet Frame
© 2025 Antígona | Direitos reservados para Portugal
e países de língua portuguesa excepto Brasil

1.^a EDIÇÃO Outubro 2025

DL 551237/25
ISBN 978-972-608-485-3

ANTÍGONA EDITORES REFRACTÁRIOS
Rua Silva Carvalho, n.º 152, 2.º
1250-257 Lisboa | Portugal
www.antigona.pt

Para R. H. C.

Queremos que os cegos possam sentir
a beleza daquilo que os rodeia; portanto,
plantámos estes jardins, dotados de um
perfume especial.

O PRESIDENTE DA CÂMARA DA CIDADE

Erlene está na divisão ao lado. Sentada no escuro, como se fosse cega. Adquiri o hábito de escutar atentamente o silêncio dela, que se ergue no meio da massa estridente das trevas, do gongo da luz do dia, do ranger e dos sussurros da mobília, do zumbido ininterrupto, grave e branco das janelas, do esvoaçar tresloucado das cortinas, dos fundos suspiros das camas, que se queixam, doridas, da agitação e do tumulto dos corpos humanos. Todos os sons foram amplificados desde que a minha filha perdeu o dom da fala; no entanto, se eu soubesse que as primeiras palavras que lhe sairiam da boca seriam para me julgar, não hesitaria em matá-la, iria neste preciso momento até ao quartinho onde ela está sentada no escuro, sozinha, e matá-la-ia, sem lhe dar hipótese de gritar por socorro.

Quando era pequena, nesta mesma povoação, eu tinha uma amiga com pernas de gavinha, que se chamava Papoila; ela era veludo, e íamos juntas para a escola todos os dias, a pé, e enfiávamos as mãos pelas sebes e pelas vedações, surripiando flores, e um sortido de sucos espessos e quentes, vermelhos e róseos e amarelos manchava-nos as mãos. E sempre que estávamos juntas, eu e Papoila falávamos, falávamos sem parar, porque éramos amigas. Mas se, por acaso, enquanto caminhávamos lado a lado (acertávamos sempre o passo), os nossos passos se desencontravam ou se nos separávamos, Papoila seguindo por um lado do candeeiro público e eu, Vera, pelo outro, então a maldição do silêncio caía sobre nós.

— Estamos de trombas — dizia-me Papoila. — Eu estou de trombas contigo, e tu estás de trombas comigo.

E fechávamos a boca com força, e durante o dia inteiro, anos a fio, não dizíamos uma palavra, limitávamo-nos a fitar-nos uma à outra, tecendo juízos, tecendo juízos, e eu via os meus crimes como imagens límpidas a cintilar nos olhos de Papoila.

Quando se colhe uma flor, ela dura mais, dizem-me, se macearmos o pé ou o chamuscarmos ou se desfizemos na água da jarra um ou dois daqueles comprimidos que as pessoas tomam para mitigar uma sensação permanente de dor.

Portanto, pousei diante de mim um diagrama da cabeça pescoço e peito humanos, desenhado à escala, com os túneis da fala e da respiração tão garridos, revestidos do seu forro escarlate; e, ignorando as setas disparadas da esquerda e da direita para se irem cravar no friso dos nomes daquele território azul, vermelho e rosa, movi o dedo, passeando-o pelo corredor, tentando encontrar a porta de acesso à fala, mas o diagrama não a mostrava, algures no cérebro, dizia o livro, um impulso no cérebro liberta as palavras, desencadeia o movimento solidário da laringe lábios língua, molda o fôlego, e mesmo assim, dizia o livro, pode não ser a fala que emerge, pode ser somente um grito semelhante ao brado que uma ave solta ou então um animal bravio, escondido nas árvores, de noite, ou, mais solitário que tudo, não o brado de uma ave ou de um animal bravio, mas sim a primeira vez que alguém articula uma nova língua, que nada nem ninguém compreende e que faz o espírito derramar uma cortina de fumo feita de medo, turvando-se, como mecanismo de defesa contra a estranheza.

Também as garras dos animais emergem das suas bainhas. A nova língua tem de ser destruída ou repelida até ao lugar de onde brotou, no silêncio e nas trevas.

O diagrama da fala reconfortava-me. Guardava-o à noite debaixo da almofada, na esperança de um milagre, assim como uma criança guarda um dente, o seu primeiro diagrama imaculado da dor, branco como leite, e sonha que lhe será concedido um desejo, como a morte de uma tia ou de um parente ou de um irmão ou de uma irmã, ou provas públicas de amor, presentes ou dias de folga dados pela professora de tinta vermelha na escola primária, ou uma cegueira aventureira, um íman do lado oposto da luz, a subtrair o sol, os botões-de-oiro, as tasninhas, os amores-perfeitos.

Iniciei uma busca furtiva de possíveis curas. Escondida pelos cantos, pus-me à escuta dos mezinheiros. De nada valia dizer a mim própria que, sendo uma pessoa instruída, não era supersticiosa, quando na verdade a amargura, o pânico e a perplexidade, actuando como uma esponja, pareciam ter absorvido todo o meu saber e toda a minha razão, como se não passassem de nódoas temporárias no tecido dos meus sentimentos. Caso toupeiras cegas, morcegos de orelhas sedosas, dragões tivessem povoado a minha terra, eu tê-los-ia procurado a norte a sul a leste a oeste em planuras e montanhas e escavando por baixo do musgo, das pedras, do leito marinho. Teria confeccionado poções com o sangue dos dragões, com a poeira cintilante dos corpos dos morcegos, executando os meus rituais de pé, não nas turfeiras ou charnecas, mas sim nesta praia dos antípodas, banhada pelo Pacífico, salpicada pela luz deste sol maduro, espremido, amargo.

Meditei, debruçada sobre um velho compêndio de páginas amarelecidas. Fala, perda da. As entranhas têm de permanecer desimpedidas, a pele límpida, os olhos brilhantes. A tripa entupida significava o encarceramento do homem dentro de si próprio. O compêndio de páginas amarelecidas explicava as medidas a tomar em casos extremos, pé-de-cabra, gazua, arrombamento, entrada à força.

A fala deve ser límpida, bela, as palavras formando desenhos agradáveis como colares de malmequeres com elos mordazes, com o cheiro da terra e do sol e do suco do homem. Mas para que serve a fala? Flui sem parar, sem nada dizer, as palavras maltrapilhas a preço de saldo, a grande venda a retalho de banalidades, com uma bandeira vermelha a servir de chamariz, a liquidação total do espírito...

A minha vida tem limites; descobri a porção exacta de terra de que necessito; no momento exacto, a morte devolver-me-á à minha porta; o meu quinhão é parco e denso; não inclui palmitos o mundo nem uma visita além-mar a Edward, que viaja depressa, mudar de comboio, de avião, de geração. A minha vida decorre por inteiro nesta cidadezinha, quase nesta rua nesta casa onde moro como uma eremita enquanto no quarto ao lado, devorando espaço e tempo com os seus poderes do silêncio, a minha filha permanece muda, uma fábula viva, sem roca nem fuso onde picar o dedo, salpicando a neve com sangue, sem um rio subterrâneo por onde, à meia-noite, o velho soldado a levará num barco até ao palácio, para dançar, e na manhã seguinte eu irei bater-lhe, furiosa, ao ver-lhe os sapatos esburacados. Ela não peneira as cinzas em busca de feijões. Não estão reunidas as condições para que ocorra um milagre. Possuímos apenas uma aveleira que se debruça sobre o regato, tendo sofrido as arremetidas de pessoas incapazes de decidir se a deviam deixar crescer, embora desse poucos frutos, ou se a deviam matar, castigando-a por ser estéril. Tem os ramos lascados e lacerados; um está morto; num dos galhos há três minúsculas avelãs, aconchegadas sob a sua casca verde; treme treme linda aveleira ouro e prata à minha beira. Preciso que uma fábula tombe do céu como um suave manto, para nos proteger, à minha filha e a mim, com o tecido estendido sobre os nomes e as situações familiares, por mais terríveis que sejam

— a ablação das línguas, as metamorfoses, a amputação dos membros, o cortar da cabeça que se volta, de sorriso nos lábios, na direcção do relógio que dá as horas, cintilante como água.

De quem é a culpa?

Não posso permitir que Erlene diga a verdade a meu respeito. Um surto de violência, um jorro de sangue a derramar-se como chuva sobre a minha mortalha às flores, muito composta, abotoada, em forma de cúpula. Mexo-me; há aranhas dentro de mim, na concavidade do meu braço, onde este ainda se une ao meu corpo; no entanto, o meu braço move-se para proteger a mulher que se vai tornando madura e que em tempos teve cinco anos de idade, com uma família de bonecas de faces rosadas e olhos azuis e pestanas escuras, recurvas, que tornavam possível o sono e o embelezavam. E tinham um nódulo, semelhante a uma bússola, cosido na barriga, e, quando se fazia pressão nesse ponto, isso encorajava as bocas delas a dizerem Mamã Mamã, ou pelo menos era essa a ideia, mas uma falha no mecanismo desencadeava um pranto lamentoso, soando estranhamente dos seus corpos rechonchudos, como o pranto de um mendigo à esquina de uma rua numa cidade estrangeira.

O silêncio dela põe-me em perigo; deixa-me confusa; levantei a voz ao falar-lhe, como se ela fosse surda.

Cortei a carne em pedacinhos no prato dela, à refeição, como se ela tivesse perdido o uso das mãos. Por vezes, dei por mim a pegar-lhe no braço, a guiá-la, como se ela fosse cega.

E quando os outros habitantes da povoação descobriram a deficiência dela, aquilo a que lançaram mão para me consolar foi uma mescla análoga dos sentidos, a mudança de ênfase da fala para a visão, para a audição ou para a capacidade de movimento.

— Pelo menos, sempre é um consolo saber que ela não é cega — diziam.

Ou:

— Imagine só se ela fosse surda. Ou aleijada.

E nenhum deles se abstinha de fazer a pergunta:

— Ainda bem que ela não é também... digamos... digamos... não é, pois não?

Queriam dizer anormal. As distinções deste género estavam na moda naquele tempo, e era tão fácil sufocar a nossa ânsia de prestar auxílio, concluindo que o auxílio não seria aceite nem compreendido. Tenho visto nas lojas, nos últimos tempos, anúncios de uma tinta de secagem rápida. Dá muito jeito; seca mal a aplicamos na parede. É como os hábitos, só que os hábitos instalam-se ainda mais depressa no espírito, e sentimo-nos gratos por esta bênção, pelo modo como dissipa a necessidade de gestos ou pensamentos elaborados. E, portanto, agrupámos os surdos, os mudos, os cegos, os aleijados, os doentes mentais numa só massa indistinta, para podermos «lidar» com eles, porque temos de «lidar» com estas vastas superfícies de estranheza que, durante toda a nossa vida, exigem um verniz protector de simpatia. Protector para nós; protegendo-nos deles e de nós próprios. É fácil repelir as exigências de compreensão paciente que deles emanam obliterando-as sob uma grossa camada pardacenta de generalidades.

Ainda assim, concordava com as pessoas que me tentavam consolar.

— Sim — dizia —, seria horrível se ela tivesse ficado cega em vez de muda.

No entanto, àquele digamos digamos em jeito de fuga não dava resposta.

Privei-me de cada um dos meus sentidos. Eu é que era cega. Sentia-me ameaçada pela medonha vizinhança maciça dos